

ARTESANATO EM COURO CRU (GUASQUERÍA) EM JAGUARÃO-RS

JULIANA PORTO MACHADO¹; RONALDO BERNARDINO COLVERO³

¹Universidade Federal de Pelotas –Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural –julianamachado209@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas –Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural –rbcolvero@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho discorrerá sobre a pesquisa inicial desenvolvida no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, em torno do objetivo central que visa a Compreensão da produção e reprodução da prática artesanal em couro cru (guasquería) em Jaguarão-RS.

Logo, uma prática artesanal tem como característica fundamental para ser definida como tal, a utilização das mãos como ferramenta motor para a criação de peças diferenciadas. Assim, a guasquería é um ramo artesanal que trabalha com couro cru animal, etimologicamente vem da palavra huasca derivada da palavra quéchua que significa couro, assim surge a guasca e o indivíduo que pratica esta forma de artesanato é o guasqueiro, conhecido também como trançador ou sogueiro.

A guasquería possui sua origem ligada ao gado vacum, que surge com a colonização do continente latino americano no século XV, pelos espanhóis e portugueses, quando trouxeram esses animais por meio de navios de carga, para explorá-los como produtos voltados para a alimentação. No Estado do Grande do Sul, em meados do século XVI, os jesuítas que firmaram reduções nesse território e reuniram indígenas para serem catequizados, criavam gado bovino para alimentação, mas nesta época o consumo do couro também passa a ser valorizado economicamente. Ao serem expulsos, os jesuítas deixam seus rebanhos, que acabam por tornarem-se bravios, reproduzindo-se livremente. (LUVIZOTTO, 2010)

Consequentemente esse gado passa a ser uma característica positiva para a ocupação desse espaço territorial. Logo, com a chegada de imigrantes no século XVII começam a se construir pequenas propriedades voltadas para a pecuária e a agricultura. Já no século XVIII, quando as fazendas ganham espaço e o gado passa a ser confinado aos campos das grandes propriedades surge a necessidade de instrumentos equestres para auxiliar no manejo desses animais. E com a abundância de couro utiliza-se essa matéria prima para suprir essa demanda, criando-se cordas, freios, boleadeiras, rebenques e outros aparatos (GARCÍA, 2009).

Dessa forma, o desenvolvimento industrial não eliminou as técnicas e práticas manuais, mas possibilitou a facilitação dessas ao introduzir ferramentas mecanizadas que podem auxiliar na criação artesanal e aumentar a produção de mais objetos em menos tempo. Para Jameson (2004), a modernidade é o período no qual a inovação tecnológica passou a ser indispensável à vida em sociedade. Então, modernidade e tecnologia formam um todo, são interdependentes, são sinônimas, onde, os países passaram a buscar os mecanismos técnicos como geradores de mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas.

No entanto, ao utilizar essas tecnologias facilitadoras acaba por transformar o artesanato em si, com a relação artesão e objeto. Na guasquería, existem máquinas industriais para cortar tentos (tiras de couro), para amaciar couro e outras, mas o que ainda predomina, no contexto jaguarenses, são as ferramentas criadas pelo próprio guasqueiro. Nesse sentido, o confronto industrial/manual é patente.

Assim, a guasquería é uma manifestação cultural que possui valor simbólico em suas técnicas de modo de fazer, logo, pode ser visto como um ofício popular com valor sociocultural. Cria novos objetos e/ou conserta objetos de uso cotidiano, mantendo estruturação de produção tradicional e contemporânea. O artesão/guasqueiro torna-se capaz de dominar as técnicas e os conhecimentos de trabalho manual para criação de seus objetos, utilizando de um olhar estético crítico de confecção e possuindo um sentido apurado que dá origem a peças singulares, que se diferem da produção mecanicista.

A atividade de guasquería na cidade de Jaguarão (RS) apresenta diferentes facetas. Ela é uma prática de artesanato que utiliza ferramentas de criação rudimentares em seu aspecto e ao mesmo tempo sofisticadas, quando utilizadas para dar acabamento em uma obra. Visível apenas como tradicional, voltada apenas para atividades ligadas a animais no trabalho do campo. Deve-se perceber além desses aspectos, considerando que essa forma de expressão cultural adotada por alguns sujeitos, acaba por se tornar elemento fundamental e modificador em suas vidas, podendo ser complemento de sustentabilidade financeira, vista como profissão, expressão de suas memórias na transmissão do saber/fazer.

Assim, surge alguns objetivos necessários como a verificação de como os guasqueiros/artesãos aprenderam suas técnicas e criam suas obras, buscando entender os motivos que levaram esses sujeitos sociais a produzirem guasquería e também identificando se o artefato em couro (guasquería) é fonte de memória e sua importância para a formação e afirmação das identidades dos artesãos/guasqueiros. Nesse sentido, o arcabouço teórico se apresentará com foco em alguns conceitos extremamente pertinentes para a conclusão desta pesquisa como memória, identidade, tradição, modernidade e artesanato, autores como: Candau (2011), Halbachws (2004), Hobsbawn (2004), Lenclud (2013), Thompson (1998) e outros.

2. METODOLOGIA

Com foco no objeto dessa pesquisa a metodologia a ser utilizada para realizar o proposto neste trabalho será pesquisa etnográfica. Entendendo a etnografia, como uma categoria da pesquisa científica de caráter qualitativo. Uma vez que, como afirma Chizzotti (1991) parte da reflexão do comportamento humano em diferentes contextos, levando em consideração os sentidos, as ações e os símbolos. Usando a técnica de observação sistemática direta que se apresenta como a coleta de informações utilizando os sentidos ver e ouvir, pois os fenômenos serão percebidos no local de investigação pelo próprio investigador e um determinado período de tempo. Ou seja, o ir a campo, o observar no local onde o fato acontece possibilita ao pesquisador construir um relação de troca com a fonte pesquisada, que no caso dessa pesquisa serão os guasqueiros que criam o artesanato em couro.

Dessa forma, ocorre a estimulação do uso dos sentidos, ao exercitar o ouvir/escutar e o olhar observador livre de críticas, possibilitando ao pesquisador realizar um movimento de deslocamento de seu espaço cultural conhecido e seguro, para o meio sociocultural do sujeito/objeto a ser analisado, em uma ação

participativa de tempo determinado (MARCONI & PRESOTTO, 2011). Então, a etnografia, de acordo com Geertz (2008) é criar relações em meio a informações que se desencontram, em um contexto que apresenta linguagem própria, transitória e desconhecida ao olhar do pesquisador. A partir disso, a coleta de dados será através do método de entrevistas semiestruturadas orientadas por tópicos, como: (a) as necessidades e motivações que fizeram com que esses sujeitos sociais se dedicassem a essa prática (b) a descrição do processo de aprendizagem do saber-fazer guasqueria; (c) a narrativa da história pessoal e da relação com o espaço rural e urbano; (d) a valoração do fazer guasqueria do ponto de vista do guasqueiro/artesão; e (f) como essa produção artesanal influencia na identidade desses sujeitos.

Tendo como instrumento de trabalho o diário de campo e secundariamente o uso de mídias digitais de áudio (gravador) e visuais como a fotografia, que retratará as técnicas de criação do objeto artístico. Para Macdougall (2006), o caráter figurativo da imagem fotográfica permite ao operador do instrumento fotográfico (pesquisador) refletir sobre as igualdades e as diferenças entre seu espaço cultural e a cultura retratada na imagem, conduz a uma reflexão sobre os desencaixes do tempo. Com a coleta das informações essas serão submetidas a um processo de transcrição, classificação e interpretação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa está em desenvolvimento inicial, na seleção de bibliografias, leituras e fichamentos, como também no processo de mapeamento das fontes, elemento essencial para obter-se o resultado final. Já que, a partir desse pode-se perceber que os guasqueiros/artesãos residem no espaço urbano, mas criam um artesanato fortemente ligado ao meio rural. Já que esses em um período de suas vidas já exerceram alguma atividade campestre ou residiram nesse meio. Essa conexão com o campo ainda permanece em suas memórias e em suas obras. Então, é necessário descobrir todas as etapas de criação dos objetos de guasqueria, já que essa não é apenas uma forma de se manter financeiramente, mas uma forma de vida, um estar no mundo.

4. CONCLUSÕES

Em vista do estágio inicial de desenvolvimento da pesquisa, as conclusões são preliminares. Assim, o objeto desse trabalho encontra suporte na sociedade atual através da valoração do artesanato, que permeia o campo social e o simbólico, lhe permitindo ser um meio de criação em que o indivíduo pode usar de todo o seu saber/fazer, de suas técnicas de produção e estilismo.

Logo, a guasqueria é uma prática secular que possui uma história, com poucos registros e documentos, mas mantém um legado de transmissão, ou nos termos de Candau (2011) uma memória forte, de conhecimento popular e de sujeitos profundamente ligados a um estilo de vida próprio. Uma vez que, por mais que eles tenham abandonado o espaço físico rural eles ainda possuem a identidade de “eu campeiro”, de “eu cavaleiro” e do “eu rural”. Essas identidades compõem o “eu guasqueiro” que permeia dois contextos diversos e até mesmo opostos, urbano/rural. Contudo, o que pretende-se nesta pesquisa é estudar a permanência da guasqueria e de suas técnicas de criação em trabalhar o couro cru e transformá-lo em artesanato. Em que, influencia o modo de viver desses sujeitos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- GARCÍA, Rocío. De la yerra a la Vitrina: Transformaciones contemporáneas de la guasquería. Montevideo: **Trama Revista de Cultura y Patrimonio**. ano 1, nº 1, setembro 2009.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos Editorial, 2004.
- HOBBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. JAMESON, Frederic. **Una modernidad singular: Ensayo sobre la ontología del presente**. Barcelona; Gedisa; 2004.
- KELLER, Paulo. **O artesão e a economia do artesanato na Sociedade contemporânea**. Maranhão: Revista de Ciências Sociais Política e Trabalho, 2014.
- LENCLUD, Gérard. **A Tradição não é mais o que era: Sobre as noções de Tradição e de Sociedade Tradicional em Etnologia**. Brasília: História, histórias. vol. 1, n. 1, 2013.
- MACDOUGALL, David. **The visual in Anthropology. In. The corporeal image. Film, ethnography and the senses**. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 2006.
- MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: Uma Introdução**. São Paulo: Atlas, 2011
- THOMPSON, E.P. **Costumes em comum – Estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- TASSO, Alberto. **Teleras y sogueros. La artesanía tradicional de Santiago del Estero entre la cultura, la historia y el mercado**. Buenos Aires: V Congreso Nacional de Estudios del Trabajo, 2001.